

SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS VIRTUAIS: A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN EN ESPACIOS VIRTUALES: APRENDIZAJE Y DESARROLLO EN TIEMPOS DE PANDEMIA

SUBJECTIVITY AND EDUCATION IN VIRTUAL SPACES: LEARNING AND DEVELOPMENT IN TIMES OF PANDEMIC

José Xavier RODOVALHO¹
Vannúzia Leal de Andrade PERES²

RESUMO: Os espaços virtuais de aprendizagem na Educação Superior tornaram-se cada vez mais utilizados como metodologias norteadoras do ensino a distância no formato semipresencial, consolidando-se com a pandemia de Covid-19. Nesse sentido, o estudo objetivou analisar a subjetividade de acadêmicos na Educação Superior matriculados na modalidade semipresencial por meio dos espaços virtuais de aprendizagem durante a pandemia de Covid-19. Quanto à metodologia, trata-se de estudo exploratório de abordagem qualitativa, que envolveu narrativas permeadas por momentos conversacionais empíricos com quatro acadêmicos pertencentes a uma instituição de Educação a Distância situada no município de Santa Terezinha de Goiás-GO. Os resultados apontaram que os acadêmicos pertencentes aos cursos de graduação em Farmácia, Enfermagem, Engenharia Civil e Pedagogia geraram um conjunto de sentidos subjetivos motivacionais mediados pelas adaptações durante a pandemia de Covid-19. As considerações finais evidenciaram a necessidade de repensar subjetivamente as modalidades de Educação durante e após a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância. Satisfação pessoal. Covid-19.

RESUMEN: Los espacios virtuales de aprendizaje en la Educación Superior se han convertido cada vez más en metodologías rectoras de la enseñanza a distancia en formato semipresencial, consolidándose con la pandemia de Covid-19. En este sentido, el estudio tuvo como objetivo analizar la subjetividad de los académicos de la Educación Superior inscritos en la modalidad semipresencial a través de espacios virtuales de aprendizaje durante la pandemia del Covid-19. En cuanto a la metodología, se trata de un estudio exploratorio de enfoque cualitativo, que involucró narrativas permeadas por momentos conversacionales empíricos con cuatro académicos pertenecientes a una institución de educación a distancia ubicada en el municipio de Santa Terezinha de Goiás-GO. Los resultados señalaron que los académicos pertenecientes a las carreras de Farmacia, Enfermería, Ingeniería Civil y Pedagogía generaron un conjunto de significados subjetivos motivacionales mediados por las adaptaciones durante la pandemia

¹ Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia – GO – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Gestor na Faculdade Dinâmica de Santa Terezinha de Goiás – GO. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0432-2571>. E-mail: jxrodovalho@yahoo.com.br

² Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia – GO – Brasil. Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Pós-Doutorado em Educação (UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-000273230654>. E-mail: vannuzia@terra.com.br

del Covid-19. Las consideraciones finales pusieron de manifiesto la necesidad de repensar subjetivamente las modalidades de educación durante y después de la pandemia.

PALABRAS CLAVE: *Educación a distancia. Satisfacción personal. Covid-19.*

ABSTRACT: *Virtual learning spaces in Higher Education have become increasingly used as guiding methodologies for distance learning in the blended format, consolidating with the Covid-19 pandemic. In this sense, the study aimed to analyze the subjectivity of academics in Higher Education in the blended modality through virtual learning spaces of courses in blended format during the Covid-19 pandemic. As for the methodology, this is an exploratory study with a qualitative approach that involved narratives permeated by empirical conversational moments with four academics belonging to a Distance Education institution located in the city of Santa Terezinha de Goiás-GO. The results showed that academics belonging to undergraduate courses in Pharmacy, Nursing, Civil Engineering and Pedagogy generated a set of subjective motivational meanings mediated by adaptations during the Covid pandemic19. The final considerations highlighted the need to subjectively rethink the modalities of Education during and after the pandemic.*

KEYWORDS: *Distance education. Personal satisfaction. Covid-19.*

Introdução

A compreensão histórico-cultural da subjetividade desenvolvida pelos inúmeros estudos de González Rey e seus colaboradores, baseados em investigações acerca de diversas temáticas, apontam o tema Educação como sendo considerado de maior relevância para produções subjetivas na área. Por sua vez, a Educação é compreendida como forma de adquirir não apenas o conhecimento, mas como prática social e herança cultural (ROSSATO; PERES, 2020).

Muitos estudos evidenciam importantes contribuições na maneira de pensar e problematizar as práticas de ensino e os processos de aprendizagem nas instituições educativas. Nesta perspectiva, a educação tem sido vista como um processo constituinte da formação humana por intermédio de um conjunto de práticas sociais, conhecimento e expressões. Sob esta ótica, atribui-se como referência fundamental que a educação se relaciona às ações sociais de integração e desenvolvimento subjetivo dos indivíduos, contemplando os processos de ensino e aprendizagem (GONÇALVES; MADEIRA-COELHO, 2021).

Neste sentido, a subjetividade individual representa os processos e formas de organização dos aprendizados e desenvolvimento de cada indivíduo social e historicamente situado, constituindo assim uma história única em suas relações pessoais e interpessoais. Assim, a partir dos relacionamentos sociais, das vivências, dos pensamentos e das emoções, os

indivíduos vão se integrando em um sistema complexo por intermédio de sentidos subjetivos (MITJÁNS; REY; PUENTES, 2013).

Neste contexto, infere-se que a subjetividade social é primordial para o estudo dos fenômenos educativos, pois não diminui o espaço social a agrupamentos de pessoas ou aos interesses de um coletivo, mas na representatividade de um sistema complexo de produções subjetivas que são permeadas por sentidos subjetivos de diversos dos discursos (IVANOV, 2021; PERES; MARTINS, 2012). Desse modo, o entendimento do conceito da subjetividade evidencia novos campos de interpretação de questões educacionais para os desafios sobre as formas de condução dos processos de ensino e aprendizagem (REY; MARTÍNEZ; GOULART, 2019).

A educação é um processo dinâmico que possui diversas formas de condução, de maneira contínua e distintas, como na Educação a Distância (EaD), onde o discente é o protagonista do/no seu processo de aprendizagem em espaços virtuais de aprendizagem, desenvolvendo capacidades de criar e buscar novas/outras habilidades que se adéquem melhor na sua realidade cotidiana. É importante ressaltar que a Educação a Distância ainda pode ser interpretada de maneira confusa e preconceituosa pela sociedade, ao diferenciar seus formatos e/ou modalidades (MUSSIO, 2020).

Em suma, Educação a Distância – EaD é modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, fisicamente ou temporalmente, fazendo-se necessária a utilização de meios e tecnologias digitais de informação e comunicação, como os espaços virtuais de aprendizagem (MARQUES; MARQUES, 2021). A Educação a Distância é composta por um arcabouço de formatos, como: semipresencial, remoto e híbrido. Em seu formato semipresencial é constituída por uma combinação de aulas presenciais e a distância (*online*), por meio do auxílio tecnológico dos ambientes virtuais de aprendizagem, criados pelas próprias instituições de educação e/ou por inúmeros programas de *softwares*, como os desenvolvidos pela *Microsoft* (ALVES; MARTINS; LEITE, 2021). Vale ressaltar que este artigo está direcionado para uma abordagem da Educação a Distância no formato semipresencial.

Para além dos saberes das modalidades de Educação no Ensino Superior, com a instalação da pandemia de Covid-19, esses formatos tiveram uma extensão “emergencial” não apenas para os espaços virtuais de aprendizagem da Educação a Distância, mas também para o Ensino Presencial por meio do formato híbrido ou ensino combinado, muito similar ao semipresencial, propondo um modelo de educação tanto no espaço físico da sala de aula quanto em plataformas digitais de ensino para dar sequência à aprendizagem e desenvolvimento dos alunos em tempos de pandemia (MARQUES; MARQUES, 2021).

Neste sentido, também foram implementadas aulas remotas emergenciais ou ensino remoto, fortalecendo as relações aluno-professor, para que os encontros *online* permitissem interações em tempo real, conforme ocorriam no modelo presencial anterior à pandemia, mantendo assim a rotina de sala de aula em um ambiente virtual acessado por cada aluno de diferentes localidades (ALVES; MARTINS; LEITE, 2021; MARQUES; MARQUES, 2021).

Dessa forma, as ações didático-pedagógicas foram influenciadas pelos formatos de Ensino a Distância mediada por tecnologias implementadas na forma de ambientes virtuais de aprendizagem – AVA, no qual procedimentos didáticos são construídos pela aproximação subjetiva da produção do conhecimento, na medida em que se conectam e constroem saberes coletivamente (ARRUDA; GOMES; ARRUDA, 2021).

Portanto, constata-se que as relações entre os formatos de Educação fazem com que os alunos envolvidos com o processo educativo revelem subjetivamente a expectativa alcançada nos processos de ensino e aprendizagem para o seu desenvolvimento, bem como indicam caminhos e possibilidades para repensar a educação em um contexto de pós-pandemia (ALVES; MARTINS; LEITE, 2021). Nesta direção, pesquisas sobre o futuro das práticas pedagógicas no país, reveladas por Mussio (2020) e Cabral (2020,) afirmam que a sociedade e o Ensino Superior não serão mais os mesmos após a pandemia da Covid-19.

A partir desta contextualização, objetivou-se neste estudo analisar a subjetividade de acadêmicos na Educação Superior na modalidade semipresencial por meio dos espaços virtuais de aprendizagem destes cursos durante a pandemia da Covid-19.

Procedimentos teórico-metodológicos

Nesta seção, apresenta-se o percurso metodológico adotado que resultou dentre outras ações, na escrita deste artigo. No que diz respeito à metodologia, optou-se pela pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, organizada no formato de momento conversacional empírico presencial com os possíveis participantes. Assim, os sistemas conversacionais permitem ao pesquisador deslocar-se do lugar central das perguntas para integrar-se em uma dinâmica de conversação que toma diversas formas, responsáveis pela produção de informação que provoque a naturalidade e autenticidade dos participantes no ato de suas falas (REY; MARTÍNEZ; GOULART, 2019).

Inicialmente, no primeiro semestre de 2020, realizou-se uma divulgação da temática da pesquisa na plataforma de ambiente virtual da instituição para que os acadêmicos de diferentes cursos interessados pudessem manifestar-se por meio do *e-mail* do pesquisador.

Posteriormente, o projeto de pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sendo aprovado com o número CAAE 51265416.0.0000.0037. Após a aprovação, no segundo semestre de 2021, iniciou-se o agendamento presencial com quatro participantes que manifestaram interesse para dialogar sobre a temática e, assim, realizar a construção interpretativa subjetiva das falas baseada na Teoria da Subjetividade de González Rey. Como constructo teórico de sustentação deste estudo, em consonância com a teoria, a opção metodológica verteu-se para a Epistemologia Qualitativa, cunhada pelo mesmo autor. Assim, a construção das informações oriundas das falas de cada participante foi analisada por meio dos momentos conversacionais.

A subjetividade compõe um macro conceito que engloba a teoria histórico-cultural, possibilitando a necessidade de novas inteligibilidades relacionadas às produções simbólico-emocionais, ressaltando que não se refere a uma construção individual, mas de sistema complexo, produzido tanto no âmbito social quanto individual (GONZÁLEZ REY, 2013). Neste sentido, os momentos empíricos conversacionais foram gravados, com duração em média de uma hora com cada participante; posteriormente realizou-se as transcrições das falas, para que o pesquisador pudesse iniciar o processo de construção interpretativa subjetiva, permeada pela singularidade de cada participante.

Os encontros ocorreram em uma sala privativa da instituição de ensino, cedida pela direção acadêmica, para que os encontros individuais com cada acadêmico pudessem ocorrer de forma segura e sigilosa. A temática relacionada à subjetividade e educação em espaços virtuais, aprendizagem e desenvolvimento em tempos de pandemia, foi lançada com o início dos diálogos provocativos e instigantes do pesquisador, seguindo os critérios da metodologia adotada em relação ao tema para cada participante, que culminou nos resultados e discussões a serem apresentados na próxima seção

Seguindo o percurso metodológico, dentre os quatro participantes, cada um pertencia a um curso e/ou área distinta. Para preservar a ética de identificação destes participantes, denominamos nomes fictícios aos acadêmicos e os enumeramos dentro das áreas da graduação, sendo assim: 1- Maria Rita (Pedagogia), 2- Arlindo (Engenharia Civil), 3- Antônio (Farmácia) e 4- Filomena (Enfermagem). Vale ressaltar que os quatro participantes realizavam cursos de graduação na modalidade de Ensino a Distância no formato semipresencial, utilizando-se de ferramentas de ambientes virtuais de aprendizagem – AVA. Todos os acadêmicos participantes desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e Discussões

Participante 1 – Maria Rita, Acadêmica do Segundo Semestre do Curso de Pedagogia, 49 anos, Servidora Municipal na Secretaria de Educação.

No momento empírico conversacional instigou-se a acadêmica a dialogar sobre o despertar pela opção de curso superior no formato semipresencial em tempos de pandemia, a partir do qual comentou: “essa modalidade descaracteriza o engessamento do estudo em salas de aula, tornando-se um marco histórico na sociedade para a execução de curso superior, realizando meu sonho em ser pedagoga”.

Neste contexto, pôde-se interpretar sentidos subjetivos de Maria Rita condicionados pelas emoções positivas (sonho), gerados pelo processo de ensino e aprendizagem como sendo uma unidade de produção simbólico-emocional, na qual Gonzáles Rey (2018) infere que o simbólico se torna emocional desde a sua formação, assim como a simbologia pode ser expressa nas emoções vivenciadas nos diferentes espaços sociais que participa e, por isso, são parte permanente da história de cada indivíduo. Corroborando, Goulart, Martinez e Rey (2019) afirmam que o impacto de novas formas de educação provoca mudanças na teoria, na metodologia e nas práticas educativas, considerando que as salas de aula não são as responsáveis diretas pelo processo de aprendizagem, e sim constituem partes das atividades geradoras de novos conhecimentos, por meios de diversos recursos tecnológicos que perpassam as paredes da sala de aula através da ampliação dos ambientes virtuais de aprendizagem. Em relação ao marco histórico na sociedade, ela reporta a esse tempo de pandemia de Covid-19, em que os ambientes virtuais de aprendizagem foram a alternativa encontrada para a continuidade do processo de ensino, por meio das aulas remotas.

Prosseguindo o diálogo, Maria Rita aborda: “não tenho dúvida que meu desenvolvimento e interesse no aprendizado por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem alavancou meu interesse na busca constante de novos conhecimentos”. Remete-se a uma interpretação subjetiva de que nos diferentes espaços e momentos da vida social e familiar, Maria Rita está configurada no confronto de uma subjetividade harmônica social e familiar, cujos padrões de ação parecem ser de enfrentamento direto das situações. Possivelmente isso crie expectativas positivas de incentivo para conclusão do curso e desenvolvimento de suas atividades educativas. Para Gonçalves e Madeira-Coelho (2021), avaliar a educação significa acompanhar os movimentos constantes de autoavaliação, onde as práticas são pensadas a partir dos resultados de ações anteriores.

Quando instigada sobre a qualidade das tecnologias utilizadas nos ambientes virtuais de aprendizagem, Maria Rita menciona uma desvantagem do ensino semipresencial, mediada por algumas falhas tecnológicas de conexão de internet. “Na minha residência ou até mesmo no Polo de Apoio Presencial aqui na Faculdade, isso compromete o desenvolvimento das atividades acadêmicas e a devida atenção no conteúdo ministrado durante a aula por falhas técnicas”. Compreende-se que, para Maria Rita, o sentido subjetivo das tecnologias de aprendizagem gira em torno dos ambientes virtuais de aprendizagem, posicionando-se como uma ferramenta funcional importante para os estudantes, tutores e gestores, e para a manutenção da metodologia didática adotada no Ensino a Distância.

Corroborando, Mussio (2020) aborda a tecnologia como um canal de construção do conhecimento sustentado por tecnologias avançadas que permitam, de forma segura e efetiva, a troca de informações de alunos e professores para a fixação do aprendizado, não levando em consideração as distâncias físicas e temporais.

Participante 2: Arlindo, Acadêmico do Oitavo Período de Engenharia Civil, 42 anos. Atua em uma Serralheria própria.

No momento conversacional provocamos o diálogo sobre seu processo de ensino e aprendizagem e desenvolvimento acadêmico no ambiente virtual de aprendizagem, onde Arlindo pontuou: “sou acadêmico desde 2018 e, por mais que eu tenha ficado anos afastado dos estudos por muitos anos devido a minhas condições financeiras baixas, me sinto satisfeito e confortável com meu conhecimento e aprendizagem e por estar fazendo parte dessa elite que eu sempre quis estar”.

Compreende-se que no momento empírico, os indicadores de sentidos subjetivos relacionados à valorização e importância dos estudos para traçar novos horizontes, para Arlindo, independente dos anos nos quais esteve afastado dos estudos: a busca pelo conhecimento estava latente até surgir uma oportunidade de conciliar um curso superior com seus horários de trabalho na Construção Civil (Mestre de Obras).

Corroborando, Peres e Martins (2012) apontam que ao articularmos as emoções, os processos simbólicos e seus significados, compreendemos que a organização psicológica do sujeito envolve o “sentido subjetivo”. Nota-se que o sentido subjetivo não apareceu diretamente na expressão intencional de Arlindo, e sim, de forma indireta na informação identificada na narrativa. Neste sentido, compreendemos também quando Arlindo cita que o curso superior e a profissão de engenheiro civil no município onde ele reside o deixa satisfeito por participar da

“elite” que o curso superior representa, uma configuração subjetiva dominante, cujo núcleo central é o fato de fazer parte de uma parcela mais seleta da sociedade.

Nesta direção, o estudo desenvolvido por Cabral (2020) deixou explícita a importância e a relevância de oportunidades na vida do ser humano, para que possa demonstrar suas potencialidades, talentos, habilidades e aptidões cognitivas, possibilitando contribuir com a conquista de sua autonomia e participação social, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem, no âmbito da Educação Superior. Compreendemos que o sentido subjetivo de ser Engenheiro Civil para Arlindo é uma emoção atual, gerada no seu processo singular de enfrentamento da vida e conquistas pessoais.

Nota-se que o indicador da subjetividade na fala foi a representação da subjetividade social, perpassando a condição pessoal no qual Arlindo vive. Para ele o curso superior é um marco de perspectivas futuras para adentrar em um universo social mais aceitável pela sociedade e, portanto, o processo de aprendizagem e vivências sociais oferecidas nos ambientes virtuais de aprendizagem podem influenciá-lo em suas escolhas e objetivos profissionais e pessoais futuros.

À luz da compreensão das falas supracitadas, Ivanov (2021) reforça que as características individuais atravessam o coletivo, passando por ambientes sociais, culturais, históricos, tal qual a subjetividade social e individual proporciona melhor entendimento sobre as singularidades das pessoas em seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Avançando no momento empírico, Arlindo voltou-se para a questão das metodologias didáticas do estágio supervisionado (obrigatoriamente presenciais no Ensino a Distância em formato semipresencial), comentando a validade de aprendizado prévio teórico nos ambientes virtuais de aprendizagem, que enriquece o conhecimento para o levar a prática com maior segurança: “Fico orgulhoso vendo frutos do passado estudado vindo ao encontro”. Compreende-se o sentido subjetivo inferido na satisfação de Arlindo em sentir-se preparado teoricamente para enfrentar os obstáculos na atuação prática do estágio supervisionado na modalidade presencial. Notamos ainda que as aulas teóricas combinam atividades práticas fora dos ambientes virtuais, de modo a estimular a inovação, criatividade, reflexões e ações que desenvolvam habilidades críticas, sociais e de liderança em Arlindo. Validando nossa compreensão, Marques e Marques (2021), apontaram que os espaços teóricos e práticos proporcionam um desenvolvimento no campo de estágio baseado nas experiências e vivências, além do conhecimento adquirido por novos acontecimentos no estágio, proporcionando processos de ensino e aprendizagem com ênfase na experiência do mundo real.

Prosseguindo nosso diálogo, Arlindo abordou sobre os impactos provocados pela pandemia da Covid-19 na modalidade a distância, sobre os quais comentou: “não senti alterações ou surpresas, pois já estava acostumado com o processo da sistematização exigida no formato semipresencial antes mesmo da pandemia, por isso, sinto plena confiança na continuidade do curso para a conclusão”. Entende-se que o sentido subjetivo na fala de Arlindo direcionou-se em não se sentir prejudicado pelos modos virtuais remotos, estabelecidos na educação durante a pandemia para compor seu desenvolvimento acadêmico, uma vez que o Ensino a Distância já era uma forma de aprendizado rotineira e estabelecida anteriormente à pandemia mundial para execução do processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

Quando confrontados os relatos de Arlindo com a literatura, percebemos, segundo o estudo de Santos e Reis (2020), que as universidades de todo país tiveram grandes desafios durante a pausa do ensino presencial e semipresencial no que tange às aulas de laboratórios, práticas de ensino e estágios nas instituições devido à Covid-19. Além disto, destacam os autores sobre a falta de capacitação para uso de instrumentos digitais, tanto por parte dos educadores quanto pelos alunos, além do impacto para os discentes em vulnerabilidades socioeconômicas, que não possuíam/possuem acesso à internet e aparelhos eletrônicos diante no novo/outro cenário que ora se apresentava/apresenta.

Participante 3 – Antônio, Acadêmico do Quinto Semestre de Farmácia, 55 anos, atualmente é concursado no Banco.

No momento conversacional instigou-se Antônio a dialogar sobre sua trajetória acadêmica, nos revelando que possui 04 graduações (bacharel em Química, Químico, Contabilidade e Engenharia Civil), sendo 03 realizadas em ambientes virtuais de aprendizagem, Educação a Distância: Contabilidade, Engenharia Civil e Farmácia, o qual estava cursando. “Eu posso afirmar que realizei um sonho de infância em ter diploma de 03 cursos superiores concluídos praticamente dentro da minha casa”.

Neste sentido, compreende-se a singularidade subjetiva do momento conversacional com o Antônio. Ele percebe os espaços virtuais de aprendizagem como “condutor de seu sonho”, e não apenas como uma simples veiculação de informações instrucionais e institucionais. Notou-se também que para Antônio o ambiente virtual de aprendizagem é um processo pedagógico humano permeado por uma construção de conhecimento que exige não só maturidade mental, como organização, autonomia e autodisciplina para o processo de construção da aprendizagem e desenvolvimento para a conclusão de suas graduações.

Corroborando, Araújo, Oliveira e Rossato (2018) apontam que a singularidade emerge do sujeito, ou seja, aquele indivíduo capaz de gerar processos de subjetivação próprios, mesmo dentro de contextos normativos institucionalizados, sendo assim, um pressuposto epistemológico de caráter singular em que o sujeito é constituído subjetivamente na sua própria trajetória histórica das necessidades, que vão se desenvolvendo no percurso das experiências individuais e sociais. No passo que se constitui também constitui o outro, nos, pelos e com os processos de aprendizagem na Universidade e em outras instituições nas quais se inscreve, a família, os amigos, as mídias, o trabalho, dentre outras.

Buscou-se compreender a motivação empírica de Antônio em relação à quantidade de cursos superiores realizados por ele; Santos e Reis (2020), evidenciaram em seu estudo que a maioria dos estudantes que ingressam no Ensino Superior traz consigo uma expectativa positiva em relação a sua futura experiência acadêmica. E a discordância ou concordância entre estes sentimentos e pensamentos sobre o que a universidade efetivamente pode oferecer de conhecimento e desenvolvimento pessoal acaba gerando adaptações positivas ou negativas para que o acadêmico possa obter a satisfação e o sucesso acadêmico.

Adiante, instigou-se Antônio a dialogar sobre a ampliação dos ambientes virtuais de aprendizagem durante a pandemia da Covid-19. Nesse contexto, Antônio abre discussão para a importância da sua experiência prévia tecnológica no formato semipresencial para o desenvolvimento de suas atividades educacionais e trabalhistas no *home office*, entretanto, aponta a subjetividade social mediada pela importância de treinamentos para que todos possam ter domínio básico das ferramentas tecnológicas. Isso leva à compreensão de que a Educação a Distância, em seus diversos cenários de ambientes virtuais, encontra-se no caminho da evolução tecnológica, contudo, precisa ser pensada (compreendida) a partir de suas próprias características digitais e comunicacionais, sobre seus limites e formas de expressão da subjetividade social, no processo de ensino e aprendizagem.

Prosseguindo o momento conversacional, Antônio aborda sobre estar realizando sua terceira graduação na modalidade a distância no formato semipresencial, mediada por suas perspectivas futuras após aposentar-se no banco. “Vou abrir uma farmácia de manipulação aplicando os conhecimentos das graduações em Química, Farmácia e Contabilidade. Já com o curso de Engenharia Civil vou abrir uma construtora permeada pelos conhecimentos da contabilidade”. Pôde-se compreender que a forma como a subjetividade social se configura tem desdobramentos nos processos individuais do participante, e se expressa na necessidade de gerenciar seu tempo para produzir mais. Corroborando, Mitjás, González e Puentes (2019) afirmam que o caráter singular do indivíduo é uma premissa da Teoria da Subjetividade:

estudiosos da área defendem que o sujeito tem capacidades geradoras de subjetivação, a reflexão e as decisões tomadas pelo sujeito singular legitimam seu pensamento e possibilitam que entre na dinâmica complexa da vida social.

Avançando, Antônio comenta sobre sua interação com os colegas da faculdade: “por estar mais apto para desenvolver minhas atividades em ambientes virtuais que os demais colegas da minha turma eu reconheço humildemente que tenho conhecimento sobre o caminho das pedras do Ensino a Distância”. Neste sentido, pôde-se compreender que Antônio produziu sentidos subjetivos em relação a essa experiência. A sua capacidade para avançar com os demais colegas expressa processos subjetivos sociais que não estão relacionados unicamente com o estudo, mas sentidos subjetivos diversos que são organizados em diferentes áreas da sua vida e que na convergência com outros sentidos subjetivos relacionados ao estudo possibilitam uma forma de ação mais favorável. Fundamentando os relatos de Antônio, os autores Santos e Reis (2020) ressaltam que a subjetividade individual mostra os processos de subjetivação, ou seja, o indivíduo, diante do mundo externo a si, pode agir e reagir conforme suas vivências e sua história de vida, a partir de sentidos subjetivos que são produzidos nas relações com o social e consigo mesmo, atravessado pela cultura que o circunda, sendo capaz de olhar a tudo e a todos de forma singular.

Participante 4 – Filomena, Acadêmica do Décimo Período de Enfermagem, 21 anos, atua na área administrativa de uma Instituição Acadêmica.

No momento empírico com Filomena, a participante confessou: “tive receio no início pela adaptação em ambientes virtuais de aprendizagem decorrente de preconceitos da sociedade em realizar um curso que cuida de vida sendo realizado a distância entre aspas, mas agradeço a oportunidade e o conhecimento que a modalidade a distância me permitiu ainda mais no processo da pandemia onde todos tiveram que recorrer a esse recurso para dar continuidade”.

Pode-se compreender que o sentido subjetivo vem do fato de os espaços virtuais de aprendizagem possam, antes da pandemia, não ter conseguido assegurar que Filomena realizasse um curso na área da Saúde. Talvez, mediada por reflexos de um espaço governamental e social que fragilizou a continuidade de projetos do Ministério da Educação, da memória administrativa pública brasileira e do preconceito em relação a um sistema pedagógico que se relaciona com a Educação a Distância. Ainda nesta direção, a subjetividade do contexto infere que a pandemia veio auxiliar na inclusão social da Educação Superior para ensinar não só posturas de promoção de saúde e cuidados sanitários, mas um novo sentido no

cenário do aprendizado, para que a modalidade a distância possa ser aceita de forma menos preconceituosa pela sociedade.

Mussio (2020) pontua que apesar dos ambientes virtuais de aprendizagem consistirem uma proposta de ampliação e de democratização da educação, essa modalidade de ensino e aprendizagem ainda passa por um período de aculturação. Ensinar e estudar a distância não são tarefas fáceis e ambos os atores diretamente implicados – professor e aluno – precisam passar por uma mudança cultural. Além disso, essa mudança atinge, também, das próprias instituições de ensino, que se mostram ainda hesitantes em migrar para um novo/outro tempo.

Prosseguindo, Filomena comentou sobre a efetividade da tecnologia com o uso do ambiente virtual de aprendizagem como instrumento para o aprimoramento do conhecimento na modalidade a distância.

É um ambiente que perpassa a relação de interação com meus colegas de turma e tutores. Ali eu tenho uma amplitude de atividades que facilitam meus estudos em todos os sentidos como, tutorial para utilização do ambiente virtual passo a passo quando me perco, biblioteca virtual, fontes de informações gerais do polo, boletim de notas, matrícula, boletos, negociações entre outros. Sem contar que as aulas ficam gravadas e eu posso assistir e rever quando tenho dificuldade o que o presencial não me permitiria.

Compreendeu-se aqui a construção da subjetividade social e individual que o ambiente virtual proporciona à Filomena em seu processo de desenvolvimento no universo de informações e facilidades obtidas. Assim, percebeu-se que nem todos os acadêmicos têm domínio em tecnologias, porém os tutoriais direcionam as ações para execução das atividades ofertadas nos ambientes virtuais de aprendizagem e no dinamismo na resolução de atividades administrativas que podem ser resolvidas de forma não presencial no ambiente virtual.

Para Marques e Marques (2021), as transformações no ensino e na aprendizagem impulsionadas pelas tecnologias educacionais geram tanto para o acadêmico quanto para a instituição fortes pressões para impulsionar novos ritmos e percepções, uma vez que emerge uma nova forma de aprendizagem fomentada pelos recursos digitais. Portanto, para além dos domínios das técnicas de ensino, as novas metodologias exigem maior capacidade crítica, reflexiva e competente frente aos planejamentos e execuções de Educação a Distância. Contudo, os domínios dos tutores referentes às tecnologias de informação e comunicação devem ser conscientes para que os objetivos no ato de transmitir o conhecimento sejam captados pelos alunos, levando-os a compreender que são partes efetivas na incorporação reflexiva da qualidade do ensino crítico oferecido, compreendendo que vem rompendo as estruturas do

ensino tradicional e ampliando novos/outros significados da concepção de ensino e aprendizagem (ALVES; MARTINS; LEITE, 2021).

Considerações finais

A Educação a Distância (EaD), em princípio, teve uma visão preconceituosa pela grande maioria da sociedade, decorrente do distanciamento físico entre professor-aluno e pela forma de ensino em ambientes virtuais de aprendizado. No entanto, na pandemia de Covid-19, em decorrência a suspensão das aulas na modalidade Presencial, promoveu a aceitação e a compreensão da coletividade na efetividade dos formatos oferecidos pela Educação a Distância, como: semipresencial, remoto emergencial e híbrido, fortalecendo a necessidade dos espaços virtuais de aprendizagem (AVA) devido às restrições sanitárias de distanciamento social impostas na pandemia.

Alcançando o objetivo proposto no presente estudo, notou-se que os sentidos subjetivos gerados pelos participantes permaneceram envoltos em afirmar que o ensino semipresencial, de modo geral, é responsável pela manutenção do desenvolvimento nos processos de ensino e aprendizagem de forma efetiva, e que a pandemia não teve impacto em relação ao uso das ferramentas nos ambientes virtuais de aprendizagem, por estarem familiarizados com o formato. Entretanto, relataram que a tecnologia (internet) não foi tão satisfatória para suportar a demanda emergencista gerada nas instituições e residências com o uso rotineiro dos meios virtuais.

As modalidades e/ou formatos educacionais compreenderam com a pandemia que tanto a modalidade presencial quanto a Distância necessitavam de uma reconstrução e planejamento por meios do alcance dos objetivos que antes eram engessados nas salas de aulas. Foi notório que a pandemia teve seu lado positivo de quebra de “tabu” da Educação a Distância por meio do ensino praticamente remoto emergencial com os ambientes virtuais de aprendizagem, conferências, programas de *softwares*. Sendo assim, infere-se subjetivamente nas falas que antes a Educação a Distância era considerado falta de opção para alguns alunos e, hoje, é uma opção de escolha.

Como sugestão para pesquisas futuras, deixamos explícita a necessidade para que haja um melhor entendimento do Ministério da Educação para compreender que os rumos da Educação precisam evoluir no contexto de regulamentação de normativas para colocar em validação as práticas e as experiências tecnológicas vivenciadas na pandemia.

Para tanto, é necessário que novos estudos empíricos subjetivos na Educação sejam elaborados nas universidades do país para contribuir com as investigações relacionadas ao desenvolvimento dos acadêmicos nos ambientes virtuais de aprendizagem durante e após à pandemia de Covid-19.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francione Charapa; MARTINS, Elcimar Simão; LEITE, Maria Cleide da Silva Ribeiro. O PIBID e a aprendizagem do fazer docente em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp. 3, p. 1586-1603, jun. 2021.e-ISSN: 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15299/11259>. Acesso em: 20 out. 2021.

ARAÚJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbyDXKXqWGj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ARRUDA, Eucídio Pimenta; GOMES Santos, Suzana; ARRUDA, Durcelina Ereni Pimenta. Mediação tecnológica e processo educacional em tempos de pandemia da Covid-19. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1730-1753, jul./set. 2021.e-ISSN: 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14788/11359>. Acesso em: 20 out. 2021.

CABRAL, Leonardo Santos Amâncio *et al.* Gestão democrática na educação superior para a diferenciação e acessibilidade curricular. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 2, p. 1104-1117, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/6377/637766276011/637766276011.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

GONÇALVES, Bárbara da Silva Ferreira; MADEIRA-COELHO, Cristina Massot. Práticas avaliativas favorecedoras à aprendizagem no contexto da inclusão: a subjetividade em foco. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 41-1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/63084/pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

IVANOV, Bárbara Gonçalves. A constituição subjetiva de mulheres, estudantes do programa brasileiro da educação de jovens e adultos e a aprendizagem. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 26, n. 1. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/97579/65139>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MARQUES, Alenilson Santos; MARQUES, Jamille Santos. O papel da tecnologia educacional na transmissão de conhecimento na pandemia da Covid-19. **Scientia Generalis**, v. 2, n. 1, p. 65-76, 2021. Disponível em:

<http://www.scienciageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/149/118>. Acesso em: 27 out. 2021.

MITJÁNS Martínez, Albertina; REY Gonzáles Fernando Luis; Valdés PUENTES, Roberto. **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade**: Discussões sobre educação e saúde. 2019. 233 p. Disponível em: <http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/30262/1/EpistemologiaQualitativaTeoria.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

MUSSIO, Simone Cristina. Reflexões sobre as modalidades de estudo na educação a distância: benefícios e limitações. **Revista EDaPECI**, v. 20, n. 1, p. 119-129, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7402611>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PERES, Vannúzia Leal Andrade; MARTINS, Luiz Roberto Rodrigues. A Produção subjetiva da violência nas escolas: indicador de sentido para avaliação e desenvolvimento de política educacional. **Revista Psicopedagogia**, v. 29, n. 90, p. 320-329, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v29n90/06.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

REY, Fernando González; MARTÍNEZ, Albertina Mitjans; GOULART, Daniel Magalhães. O tópico da subjetividade na abordagem histórico-cultural: de onde ela avançou e para onde está avançando. *In: Subjetividade na Abordagem Histórico-Cultural*. Singapura: Springer, 2019. p. 3-19.

REY, Fernando Luis González. “A psicologia da arte” de Vygotsky: um texto fundacional e ainda inexplorado. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, p. 339-350, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/dwsRkkZzyXwp9qkFmn9XHVw/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 20 out. 2021.

REY, Fernando Luis González. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **Revista cs**, n. 11, p. 19-42, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4968415>. Acesso em 04 nov. 2021.

ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade. **Formação de Educadores e Psicólogos**: Contribuições e Desafios da Subjetividade na Perspectiva Cultural-Histórica. Curitiba, PR: Editora Appris, 2020.

SANTOS, Pablo Mateus; REIS, Ana Lúcia Pellegrini Pessoa. Educação a distância e ensino de psicologia: impasses e possibilidades na perspectiva de psicólogas (os) e estudantes. **Em Rede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 108-125, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/522/563>. Acesso em: 20 out. 2021.

Como referenciar este artigo

RODOVALHO, J. X.; PERES, V. L. A. Subjetividade e educação em espaços virtuais: A aprendizagem e o desenvolvimento em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 1, p. 0021-0036, jan./mar. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i1.16617>

Submetido em: 15/07/2021

Revisões requeridas em: 01/09/2021

Aprovado em: 15/10/2021

Publicado em: 02/01/2022